



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Letras**  
**Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas**

**Dayanne Gandra de Carvalho**

# **VERBO EM CONTEXTO**

**Brasília, 2013**

# VERBO EM CONTEXTO

Trabalho de conclusão de curso de  
Graduação apresentado ao  
Departamento de Linguística,  
Português e Línguas Clássicas do  
Instituto de Letras da Universidade  
de Brasília, sob a orientação da  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eloisa Nascimento Silva Pilati.

**Brasília, 2013**

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>4</b>
<b>Seção 1 - Pressupostos teóricos</b>	<b>5</b>
1.1. <b>Chomsky – <i>Linguagem e Mente</i></b>	<b>5</b>
1.2. <b>Lobato – <i>O que o professor de ensino básico deve saber de linguística?</i></b>	<b>9</b>
1.3. <b><i>Guia de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico</i></b>	<b>10</b>
1.4. <b><i>Como as pessoas aprendem: cérebro, mente, experiência e escola</i></b>	<b>13</b>
<b>Seção 2 – GTs – Gramáticas Tradicionais</b>	<b>15</b>
<b>Seção 3 – Proposta</b>	<b>16</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>21</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>22</b>

## Introdução

Tendo como ponto de partida o conhecimento linguístico inato do aluno e uma posição crítica perante as três categorias de classificação de palavras – morfológica, sintática e semântica – que normalmente não estão presentes nas gramáticas tradicionais, a atividade deste trabalho tem o enfoque para o ensino da predicação verbal, hoje, um grande problema enfrentado por alunos da educação básica.

O embasamento do trabalho são os estudos da corrente gerativista de Noam Chomsky (1996), a obra *Como as pessoas aprendem: cérebro, mente, experiência e escola* (2007) de Rodney R. Cocking, John Bransford e Ann Brown, o guia dos autores portugueses João Costa, Assunção Caldeira Cabral, Ana Santiago e Filomena Viegas (2011), *Guia de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico*, e a palestra *O que o professor de ensino básico deve saber de linguística?* (2013) da doutora Lúcia Lobato.

Na seção 1 apresento os pressupostos teóricos do trabalho. Os estudos do renomado linguísta Noam Chomsky (1996), a palestra proferida em Recife, em 2003, pela professora doutora Lúcia Lobato e o conteúdo do livro *Como as pessoas aprendem: cérebro, mente experiência e escola* são os principais norteadores da análise aqui apresentada. O *Guia de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico* tem um caráter decisivo para o ajuste da atividade proposta por meio dos exemplos totalmente práticos.

Um panorama atual das gramáticas tradicionais (GTs) aparece na seção 2. A seção 3 é a proposta de atividade que partem das considerações feitas nas seções e subseções anteriores. Finalmente as Considerações Finais em que apresento as conclusões obtidas durante o processo de pesquisa.

## **Seção 1 - Pressupostos teóricos**

### **1.1. Chomsky – Linguagem e Mente**

Avram Noam Chomsky (Filadélfia, 7 de dezembro de 1928) é um linguísta e filósofo estadunidense, professor de Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e também um ativista político incansável em suas manifestações contra o capitalismo americano.

*Linguagem e Mente* é a publicação de duas palestras proferidas por Noam Chomsky nos dias 25 e 26 novembro de 1996 na Universidade de Brasília e traduzida por Lúcia Lobato. O objetivo do livro é registrar as palestras deixando assim um importante legado na área de lingüística para futuros estudiosos e ressaltar a importância da obra de Chomsky.

A primeira parte do livro refere-se à primeira palestra. Chomsky inicia falando sobre a faculdade humana da linguagem e cita a comunicação das abelhas - uma espécie de “dança”- mas pouco análoga à linguagem humana. Refere-se à outra propriedade, em que o linguísta ressalta o caráter biológico da faculdade da linguagem, a propriedade da infinidade discreta, que intrigou Galileu que via nos 24 caracteres que podem comunicar o que pensamos e imaginamos, a verdadeira ‘invenção maravilhosa’.

O palestrante considera a faculdade da linguagem como um “órgão” e que cada língua é o resultado da atuação recíproca de dois fatores: o estado inicial (dispositivo de aquisição de língua) e o curso da experiência. Ele ressalta ao definir língua, que esta pode ser investigada do ponto de vista biológico e de inúmeros outros e cada abordagem define o objeto de sua investigação à luz de suas preocupações especiais, e lembra que cada uma dessas abordagens deveria tentar aprender o que pode com as outras.

Conceitua a gramática universal como a teoria do estado inicial da linguagem, que a língua “gera” expressões, portanto Gramática Gerativa. A gramática gerativa surgiu no contexto da “revolução cognitiva” dos anos 50. As propriedades e padrões que eram o foco da atenção na lingüística estrutural encontram seu lugar, mas como fenômenos a serem explicados, em termos de mecanismos internos que geram expressões. Cita a contribuição do século XX;

os avanços nas ciências formais que forneceram conceitos apropriados e numa forma muito exata.

Compara o conceito de “noção de estrutura”, do lingüista dinamarquês Otto Jepsen, com o que chamou de “uma língua”. Diz como os primeiros estudos da gramática gerativa se depararam com línguas que mesmo bem estudadas deixam passar despercebidas propriedades elementares, que nas gramáticas e dicionários apenas são tocadas superficialmente. Sobre a aquisição da linguagem afirma ser algo que acontece com a criança e não algo que a criança faz.

Em seguida, Chomsky foca a questão de como mostrar que todas as línguas são variações de um mesmo tema e registrar fielmente suas propriedades de som e significado, superficialmente diferente. Para isso perpassa as condições conflitantes de adequação descritiva e explicativa. Explica a abordagem de “Princípios e Parâmetros”, que rejeita o conceito de regra e construção gramatical, defende que o homem vem equipado, no estágio inicial, com uma Gramática Universal (GU), dotada de princípios universais pertencentes à faculdade da linguagem e de parâmetros não-marcados que adquirem seu valor no contacto com a língua materna.

Sobre o estudo internalista da linguagem e sua relação com o mundo externo, o palestrante explana sobre duas questões, primeiro a relação mente e cérebro e segundo, o uso da linguagem. Refuta as críticas do filósofo John Searle, lembrando que o estudo abstrato dos estados do cérebro fornece diretrizes para a pesquisa. Faz referência ao estudo de Galen Strawson para ilustrar sobre o dualismo mente e corpo e desdobra o assunto citando diversos outros renomados pensadores, a citar, Newton. Ainda na linha dessa discussão abre o tópico de como os genes expressam as propriedades do estado inicial antes de passar para a segunda questão do emprego que a linguagem faz do mundo: o uso da linguagem. Ao investigar o uso da língua descobre-se que as palavras são interpretadas em termos de fatores tais como constituição material, configuração geral, uso característico e pretendido, papel institucional, e assim por diante. Discursa sobre as interpretações marcadas e não-marcadas e sobre a complexidade que é designar algo a partir de categorias e

acrescenta que as pessoas pensam e falam sobre o mundo em termos de perspectivas tornadas disponíveis pelos recursos da mente, incluindo os significados dos termos nos quais seus pensamentos são expressos.

Encerra a primeira das duas palestras salientando que a teoria tenta trazer à luz apenas alguns fatores e que a gramática gerativa procura descobrir os mecanismos que são usados, contribuindo, para o estudo de como são usados da maneira criativa da vida normal.

Na segunda palestra, Chomsky relembra as duas questões básicas sobre a linguagem tratadas no dia anterior. A questão internalista, que indaga que tipo de sistema é a linguagem, e a questão externalista, ou seja, como a linguagem se relaciona com as outras partes da mente e com o mundo externo, incluindo problemas de unificação e de uso da língua. A segunda palestra se centra na questão internalista. Parte-se da indagação de até que ponto a linguagem é bem configurada. Chomsky explica que para formular questões claras sobre a otimidade da configuração geral da linguagem, criou-se o “programa minimalista”, chamando a atenção para o fato de este ser apenas um programa de pesquisa e não uma teoria.

Através de uma detalhada interface com a biologia, o palestrante explana que a linguagem humana situa-se bem além dos limites do entendimento sério dos processos evolucionistas, embora haja especulações sugestivas. Exemplifica então com o problema lógico da aquisição da língua, do qual se extrai a certeza que a faculdade de linguagem não foi instantaneamente inserida na mente/cérebro. A faculdade da linguagem interage com os outros sistemas, que por sua vez, impõem condições que a linguagem tem de satisfazer, são as “condições de saídas nuas” na literatura técnica, traduzidas por Lobato de “bare output conditions”.

Reformula-se aqui a pergunta para: Em que medida a linguagem é uma “boa solução” para as condições de legibilidade impostas pelos sistemas externos com que ela interage? Chomsky adverte filosoficamente que enfrenta-se a tarefa assustadora de, simultaneamente, determinar as condições do problema e tentar satisfazê-las, com as condições mudando à medida que aprendemos mais sobre como satisfazê-las.

Chomsky explica que o programa minimalista exige que submetamos os pressupostos convencionais a um cuidadoso escrutínio. Um desses pressupostos que o palestrante aborda é o de que a linguagem tem som e significado. Prossegue-se então para a questão da utilidade da configuração geral da linguagem onde fará o detalhado escrutínio de princípios da linguagem já postulados.

Alguns princípios analisados é o fato da linguagem envolver três tipos de elementos: os traços (sons e significados), os itens lexicais, que são montados a partir dessas propriedades e as expressões complexas construídas a partir dessas unidades “atômicas”. Segue-se que o sistema computacional que gera expressões tem duas operações básicas: uma monta itens lexicais básicos, e a outra forma objetos sintáticos maiores a partir dos já construídos, começando pelos itens lexicais. O palestrante afirma: as línguas claramente diferem entre si, e queremos saber como.

Chomsky, então, difere os traços flexionais dos que constituem itens lexicais, perpassando pelas três traços montados como itens lexicais, impostos pelas condições de legibilidade, são eles: traços semânticos, traços fonéticos e traços que não são interpretados em nenhuma das duas interfaces. Delineia mais algumas propriedades da configuração geral ótima, como as operações abertas e encobertas. Observa duas imperfeições na configuração geral da linguagem que é a “propriedade de deslocamento”, quando os sintagmas são interpretados como se estivessem em uma posição diferente na expressão e os traços formais ininterpretáveis. O linguísta detém-se longamente nesse ponto. São apresentadas as operações Confluir – toma dois objetos distintos X e Y e anexa Y a X- e Mover – toma um único objeto X e um objeto Y que é parte de X, e faz Y convergir para X. A ocorrência na posição original é chamada de vestígio. Outra ocorrência denominada Atrair ocorre quando os traços combinantes são atraídos pelos traços infratores do verbo principal, que são então apagados sob combinação local.

## **1.2. Lobato – O que o professor de ensino básico deve saber de linguística?**

Em palestra proferida em 13 de dezembro de 2003, *como parte da mesa-redonda* intitulada A Linguística e o Professor de Ensino Básico, *realizada na 2ª Reunião Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*, em Fortaleza-CE, a professora doutora Lucia Maria Pinheiro Lobato explana sobre questões pertinentes à prática de ensino da Língua Portuguesa.

Inicia abordando o problema da variação linguística que, infelizmente, apesar de já fazer parte dos estudos acadêmicos, não ganham espaço em sala de aula. Os professores de certa forma ainda não sabem bem a postura que devem ter ao deparar-se com um dialeto diferente ou uma questão que aborde tal tema. Mas o foco da palestra não é este, apesar da referência.

A palestrante segue conceituando a gramática e explanando sobre a grande diferença que há entre o ensino da linguística dos cursos de letras e as gramáticas – tradicionais – que são usadas em salas de aula do ensino básico. Gramáticas que muitas vezes não passam de “um compêndio com descrições de uma língua”. Ela conclui que há dois conceitos de gramática: um que a considera estática e a outra como dinâmica.

Detém-se na gramática universal – a faculdade da linguagem existente em todo indivíduo - que permite a ele aprender qualquer língua desde que tenha contato nos primeiros anos de vida. A partir dessa ideia, afirma que o aluno já chega na escola com uma gramática adquirida.

Um dos processos que Lobato apresenta na palestra e que faço uso na construção da proposta é a *metodologia da elicitación*. Sabemos que o aluno tem o dispositivo de aquisição da linguagem e que ao chegar à escola já tem uma gramática adquirida. O que a professora propõe é que para a sistematização do sistema linguístico o aluno seja levado ao processo de descoberta e que ao dar o norte no material didático o aluno acabe por tirar

suas próprias conclusões, assim a aprendizagem se torna mais eficaz nas aulas de língua portuguesa.

Aborda, também, o problema de os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) terem negado o ensino da gramática nas escolas, para a autora, isso não é verdade. O que se deve, realmente, é ensinar sob uma nova percepção. Valorizando todos os aspectos citados acima, mas não abandonando o material gramatical.

O que se deve ter em mente é a necessidade do estímulo ao aluno para que por conta própria ele visualize a estrutura entre orações, períodos. A professora, inclusive, lista algumas diferenças entre os estudos da gramática tradicional e os estudos linguísticos recentes. Apontando a divisão linguística adotada para os verbos conhecidos simplesmente como Intransitivos para a gramática normativa, como inacusativos e inergativos, cujo estudo não me detive neste trabalho.

E finaliza a palestra com um ponto interessante: a recusa das gramáticas em incorporar os casos mencionados acima e casos chamados de “confusos” em seus conteúdos. Destaca que essas mudanças acontecerão aos poucos e cabe ao professor apontar as distinções entre a gramática tradicional e os estudos recentes.

### **1.3. *Guia de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico***

De acordo com o *Guia de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico* que especifica a competência Conhecimento Explícito da Língua elaborado por João Costa, Assunção Caldeira Cabral, Ana Santiago e Filomena Viegas em abril de 2011, há inúmeros problemas relacionados ao ensino da língua. Levando em consideração os problemas e tentando superá-los, o Guia propõe atividades práticas que auxiliam o aluno a observar a

regularidade da língua em detrimento ao comum método de lecionar que prioriza as exceções.

No conjunto de atividades observamos atividades voltadas para as funções sintáticas da língua. Nessas atividades observamos sempre um caráter indutivo para a apreciação dos conceitos estudados e um cuidado em resumir e sintetizar o conteúdo estudado em quadros e tabelas o que serviu de parâmetro para a minha proposta.

A base dos exercícios propostos no Guia é a elicitación. Há o estímulo para que o aluno crie conceitos a partir da prática, com o cuidado de organizar os conceitos adquiridos durante a atividade. Observe os exemplos desse estímulo ao aluno e do esquema de organização da atividade:

### Exemplo 1

2. Repara que as frases da coluna B não ficam correctas se retirarmos os grupos nominais dos predicados:

Coluna B
*A Marta comprou.
*O Pedro viu.
*A Joana forrou.
*O Luís vestiu.
*O André pediu.

APETECE PERGUNTAR:

A Marta comprou o quê?  
O Pedro viu o quê/ quem?  
A Joana forrou o quê?  
O Luís vestiu o quê?  
O André pediu o quê?

O QUE SIGNIFICA QUE A FRASE NÃO ESTÁ COMPLETA SE RETIRARMOS O GRUPO NOMINAL QUE ACOMPANHA O VERBO.

Figura 1"O grupo verbal pode incluir outros grupos mais pequenos? Qual a sua função?" página 81

### Exemplo 2

APRENDE:

Os grupos nominais que são pedidos pelo verbo e respondem às perguntas *o quê? ou quem?* chamam-se **complementos directos**.

3. Repara agora nos grupos nominais sublinhados nas seguintes frases :

- a. A Maria abraçou a mãe.
- b. O Pedro comprou um livro de aventuras.
- c. A professora contou várias histórias.
- d. O coro da escola ensaiou uma canção de Natal.

3.1. Substitui o grupo nominal com a função de sujeito por um dos seguintes pronomes pessoais *ele, eles, ela, elas*.

3.1.1. Obtiveste frases correctas? \_\_\_\_\_

4. Agora, tenta substituir o grupo nominal com função de complemento directo pelos mesmos pronomes. \_\_\_\_\_

4.1. Compara as frases que obtiveste com as dos teus colegas e discute-as com o teu professor.

5. Substitui o grupo nominal com função de complemento directo por um dos seguintes pronomes pessoais *o, a, os, as* e volta a escrever as frases.

5.1. As frases que obtiveste estão correctas? \_\_\_\_\_

CONCLUI e COMPLETA:

O grupo nominal com função sintáctica de sujeito pode ser substituído pelos pronomes pessoais *ele, ela, eles, elas*.

O grupo nominal com função sintáctica de complemento directo pode ser substituído pelos pronomes pessoais *o, a, os, as*.

Figura 2 "O grupo verbal pode incluir outros grupos mais pequenos? Qual a sua função?" página 82

É interessante notar que apesar de um Guia para a língua portuguesa de Portugal – que sem sombra de dúvidas exige outras especificidades a serem analisadas em relação à gramática da língua falada/escrita no Brasil – o foco do material é, definitivamente, o conhecimento prévio do aluno.

#### **1.4. Como as pessoas aprendem: cérebro, mente, experiência e escola.**

O livro *Como as pessoas aprendem: cérebro, mente, experiência e escola* dos autores Rodney R. Cocking, John Bransford e Ann Brown (cujo título original é *How People Learn: Brain, Mind, Experience, and School*) elaborado pelo Comitê de Desenvolvimento da Ciência da aprendizagem, o Comitê de pesquisa da Aprendizagem e da Prática Educacional junto a Comissão de Educação e Ciências Sociais e do Comportamento e o Conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos, explica e apresenta as estratégias de aprendizagem levando-se em consideração a mente humana.

No capítulo 1 – Aprendizagem: da especulação à ciência - apresenta-se um panorama dos estudos sobre a mente, principalmente, para o processo educacional. O foco é a aprendizagem humana em ambientes educacionais formais e o potencial de todos os indivíduos para aprender – inclusive as crianças menores.

Ao fazer o histórico sobre os processos de aprendizagem explica o “bahaviorismo”, exemplificando com a experiência do gato faminto na caixa. Em resumo o que se defende nessa corrente é a aprendizagem pela repetição, memorização. O indivíduo armazena uma informação –ou várias – mas não aplicabilidade garantida. Outro processo de aprendizagem, por outro lado, valoriza o entendimento. É a chamada ciência cognitiva, que possui uma perspectiva multidisciplinar. Esta ciência não nega a importância dos fatos, dos conteúdos, entretanto defende que estes sejam utilizáveis.

Um dos pontos apresentados no capítulo é a valorização do conhecimento preexistente, uma concepção construtivista em que o aluno possui o controle da própria aprendizagem e seu repertório de ideias é valorizado no processo educacional. Introduce o conceito de metacognição que “refere-se à capacidade de uma pessoa de prever o próprio desempenho em diversas tarefas”.

A obra apresenta três importantes descobertas. A primeira referente à importância do conhecimento anterior (incluindo a aprendizagem precoce) utilizado como base para mediação para novos conhecimentos, a segunda diz respeito ao conhecimento aplicável, é o aprender a compreender para

desenvolver a competência, exemplifica diferenciando o especialista de um principiante e o fator transferência – passagem do conhecimento para aplicação em outras áreas - e finalmente a terceira, a competência adaptativa que prevê atividades metacognitivas em que o aluno constrói o conhecimento.

Para que esta nova abordagem seja inserida de maneira eficaz no ensino-aprendizagem é necessário mudanças. A criança deve ser vista de forma diferente, ela não é uma lousa vazia. O professor deve estar em contínua formação, assim como, as avaliações também devem ser formativas, continuadas. O conteúdo deverá adaptar-se privilegiando a profundidade e não a quantidade. Deverá criar-se uma comunidade escolar/intelectual em que o aluno sintá-se envolvido de fato. E o fundamental: os exames escolares deverão modificar-se tendo em vista que as atividades metacognitivas são processos mais lentos porém mais efetivos.

Há uma breve explanação sobre como as pessoas aprendem, como por exemplo, em aulas expositivas, aulas reforçadas por tecnologia, por inquirição e o que os argumentos nos mostram é que para cada situação há de se observar a estratégia mais eficiente. Para cada situação, um processo adequado deve ocorrer.

No segundo capítulo aprofunda-se sobre as diferenças entre especialistas e principiantes. Por meio de pesquisas constatou-se que os especialistas reconhecem padrões e características significativas, possuem uma compreensão mais profunda dos conteúdos o que conseqüentemente os auxilia na aplicabilidade desse conteúdo em situações-problemas. Entretanto isso não garante que saibam ensinar.

Os especialistas têm um conhecimento condicionalizado, isto é, relevante para o contexto. A recuperação dessas informações se dá, normalmente, de três formas: trabalhosa, automática e fluente. Encerra-se o segundo capítulo reforçando-se a ideia de competência adaptativa que diferencia os meramente hábeis (artesãos) dos muito competentes (virtuosos).

Os especialistas adaptáveis são capazes tanto de abordar novas situações com flexibilidade como de aprender por toda vida. Não apenas utilizam o que aprenderam, mas são metacognitivos e

questionam continuamente seus níveis atuais de competência, procurando ir além deles. [p.71]

Em síntese, podemos fazer uma reflexão e uma comparação sobre os processos citados no livro e as aulas tradicionais. O que ocorre normalmente, e muito devido ao extenso e “raso” currículo escolar, é uma perspectiva behaviorista em salas de aula. Alunos que somente memorizam, decoram e acabam por inutilizar o que “aprendem”. Deve-se mudar o foco. Não significa que aulas expositivas deixem de existir, mas que valorizem o conhecimento prévio do discente e demonstre sempre, com exemplos, quando possível, na prática, em contextos extraescolares a aplicabilidade do assunto estudado. Dessa forma teremos alunos especialistas e não principiantes.

## **Seção 2 – GTs – Gramáticas Tradicionais**

Em uma breve análise comparada das gramáticas utilizadas em salas de aula da educação básica, notamos uma constante incompletude de conceitos. Prioriza-se a abordagem semântica e omitem-se as perspectivas sintáticas, morfológicas e fonológicas que estrutura nossa língua. O resultado: alunos que se sentem despreparados diante de frases que não cabem naqueles modelos preconcebidos.

Por exemplo, a conceituação de três grandes e importantes classes de palavras: Substantivo, Adjetivo e Verbo. A grande maioria das gramáticas traz conceitos como: “substantivo é a classe que nomeia os seres”, “adjetivo é a classe que dá qualidades aos seres” e “verbo é a classe que expressa ação, estado ou fenômeno da natureza.

O aluno ao se deparar com esses conceitos não sabe como lidar com palavras como: relâmpago (é um fenômeno da natureza, entretanto é substantivo), inteligência (é uma qualidade, mas é substantivo). Nota-se aqui que os conceitos e métodos atuais falham. Nos casos citados, a simples inferência à utilização de determinantes (artigos, pronomes) para a classe dos substantivos já esclarecia o aluno.

Observemos a conceituação do Sujeito – dito termo essencial o que obviamente se contradiz na própria GT já que existe a Oração Sem Sujeito –

em algumas gramáticas: “Sujeito é o ser de quem se diz alguma coisa” (CEGALLA, 1985, p. 273), “Sujeito é o ser que pratica a ação verbal” (CELSONO CUNHA, 2010, p. 352), “Sujeito é o termo que denota o ser a respeito de quem ou de que se faz uma declaração” (FARACO & MOURA, 1994, p. 313).

Ao deparar-se com frases na voz passiva, predicados nominais entre outras formas gramaticais, o aluno acredita que, de fato, não aprendeu português. No exemplo *As cartas chegaram* é impossível, para qualquer aluno, dizer que a carta praticou ação verbal e ainda sim é o sujeito da oração.

Qualquer estudante nota que há falhas nesses conceitos da gramática normativa e sente-se inseguro com a própria língua, o que de fato não é a pretensão do professor de língua portuguesa.

### **Seção 3 – Proposta**

#### **ATIVIDADE PROPOSTA:** Transitividade em Contexto!

Indicada para: Ensino Médio

Tempo sugerido: 50 min

Na lição anterior, juntos, analisamos características importantes do Verbo, como a sua possibilidade de combinação com pronomes pessoais do caso reto. Vamos continuar observando o comportamento desses verbos? ? ?

Leia as frases acima e marque COMPL para as que você considerou com sentido completo e INCOMPL para as que você considerou com sentido incompleto.

1. Manuel nunca viveu. (            )
2. Manuel nunca viveu uma vida de rei. (            )
3. O jovem anda preocupado. (            )
4. O jovem anda devagar. (            )
5. A estante anda. (            )
6. Carla estuda. (            )
7. Carla estuda a matéria de português. (            )

8. O bebê dormiu um sono tranquilo. (            )
9. Tranquilamente, o bebê dormiu. (            )
10. O bebê dormiu. (            )
11. César entregou. (            )
12. César entregou o livro. (            )
13. César entregou o livro ao professor. (            )
14. Eu gosto o João. (            )
15. Eu gosto do João. (            )

Como você explicaria o fato de algumas frases, que possuem o mesmo verbo na sua estrutura, serem compreensíveis e outras não? O que faltou ou sobrou? Utilize as linhas abaixo para transcrever suas hipóteses.

---

---

---

---

---

Nas frases: 3 (O jovem anda preocupado) e 4 (O jovem anda devagar) o verbo presente possui o mesmo sentido? Explique o sentido em cada uma das estruturas e faça um desenho que represente o sentido de “andar” em cada uma delas.

---

---

---

---



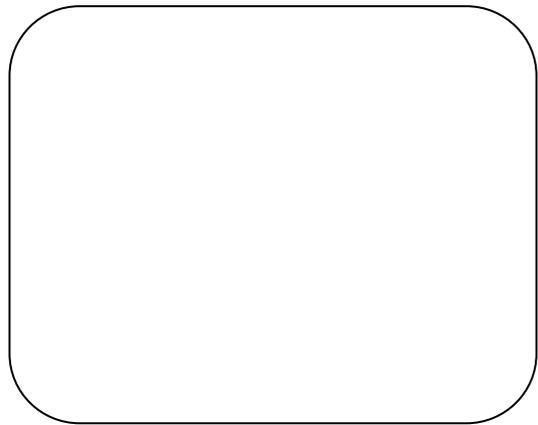
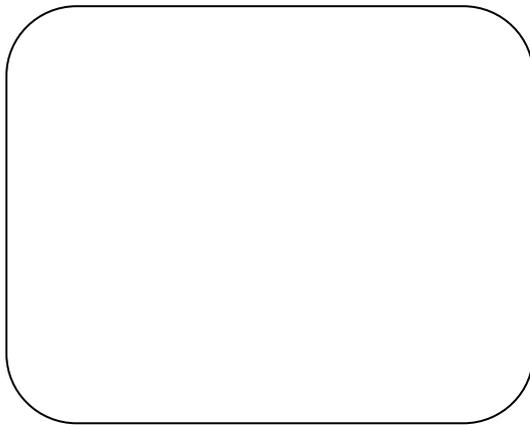
Em duplas, criem situações nas quais as frases 1 (Manuel nunca viveu) e 11 (César entregou) poderiam ser ditas. Resuma-as no espaço abaixo e faça um desenho para cada uma das frases.

---

---

---

---



Quais as substituições possíveis para as construções abaixo:



César entregou os livros.  
César entregou .....  
César entregou .....  
César entregou .....

Eu gosto do João.  
Eu gosto .....  
Eu gosto .....  
Eu gosto.....

Nas frases 14(Eu gosto o João) e 15 (Eu gosto do João) há uma grande semelhança entre as frases, mas somente uma delas tem o sentido completo. Qual? O que diferencia as duas frases e torna somente uma delas compreensível?

---

---

---

---

### A estrutura dos predicados

Os verbos da língua portuguesa se comportam diferentemente em cada **CONTEXTO**. O verbo *entregar*, por exemplo, aceita complementos, respostas para perguntas tais como: Quem entregou? O que entregou? Para quem entregou? E o verbo *gostar* sugere perguntas tais como: Quem gosta? Do que gosta?

Durante o exercício você completou os espaços com algumas possíveis respostas para a pergunta ‘O que entregou?’, essas respostas são chamadas **OBJETOS DIRETOS**, e para a pergunta ‘Do que gosta?’ as respostas sugeridas por você são chamadas **OBJETOS INDIRETOS**. Você já deve ter percebido o que os diferencia:

<b>SUJEITO</b>	<b>VERBO</b>	<b>OBJETO</b>
----------------	--------------	---------------

A estrutura acima resume o predicado com objeto DIRETO.

<b>SUJEITO</b>	<b>VERBO</b>	<b>PREPOSIÇÃO</b>	<b>OBJETO</b>
----------------	--------------	-------------------	---------------

A estrutura acima resume o predica com objeto INDIRETO.

Nessas frases o verbo *entregar* é chamado de **VERBO TRANSITIVO DIRETO** e o verbo *gostar* é chamado de **VERBO TRANSITIVO INDIRETO**. Há também situações nas quais as três perguntas são respondidas. Observe a frase 13:

César entregou o livro ao professor.

‘Quem entregou?’ César, ‘O que entregou?’ o livro (Objeto Direto) ‘Para quem entregou?’ ao professor (Objeto Indireto). Em construções como essa que estão presente tanto o Objeto Direto quanto o Objeto Indireto chamaremos o verbo *entregar* de **VERBO TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO**.

Você, também, deve ter notado que alguns verbos não possuem Objeto Direto ou Objeto Indireto. O que não as tornam ilógicas. Note a frase 10:

O bebê dormiu.

Em construções como a anterior o verbo *dormir* é chamado de **INTRANSITIVO**. E por último, construções como a 3 (O jovem anda preocupado) na qual o verbo *andar* não traz a noção da ação, ou seja, não é um verbo nocional e sim um verbo que estabelece um vínculo entre o Sujeito (O jovem) e seu estado (preocupado) chamaremos o verbo de **VERBO DE LIGAÇÃO**.

Para finalizar esta etapa, conecte as frases com os conceitos do quadro.

<b>V.I.</b>
<b>V.T.D</b>
<b>V.T.I</b>
<b>V.T.D.I</b>
<b>V.L.</b>
<b>O.D.</b>
<b>O.I.</b>

- (1) Manuel nunca viveu uma vida de rei  
 (9) Tranquilamente, o bebê dormiu.  
 (13) César entregou o livro ao professor.  
 (15) Eu gosto do João.  
 (13) César entregou o livro ao professor.  
 (8) O bebê dormiu um sono tranquilo.  
 (4) O jovem anda devagar.

## Considerações finais

O estudo apresentado é um esboço de atividades práticas para a língua, especificamente sobre a Classe dos Verbos, que almeja auxiliar aos alunos no processo de aprendizagem tornando-os capazes de recuperar estas informações de maneira fácil e com aplicabilidade garantida, como explicita *Como as pessoas aprendem: cérebro, mente, experiência e escola*. Afinal o aluno é o construtor do próprio conhecimento como afirma os estudos de Chomsky.

Os estudos cognitivos que buscam a melhor maneira do como ensinar-aprender, os estudos específicos da linguagem e sua atuação em contexto real, os estudos sobre o ensino da língua portuguesa, especificamente, muito nos dizem sobre o caminho que devemos percorrer. Entretanto muito ainda há de se descobrir e a melhor maneira é a prática, é não esquecer que o professor de maneira alguma deve deixar de se considerar um pesquisador em sua área como destaca Lobato. Os alunos não devem ter ignorado o arcabouço de conhecimento que trazem ao chegar às escolas. E o mais importante os materiais didáticos devem, sempre, ser revisados, ampliados, modificados, afinal, a língua é um órgão vivo e muda, assim deve ser todo o aparato que utilizamos para estudá-la.

Com a certeza de que muito se deve progredir nesta proposta e na área de materiais didáticos voltados para o ensino da Língua – não somente - espero que este estudo amplie também e ganhe a discussão de outros educadores para que um projeto maior ganhe vida.

## Bibliografia

- CONSELHO NACIONAL DE PESQUISA DOS ESTADOS UNIDOS. Como as pessoas aprendem: cérebro, mente, experiência e escola. São Paulo: Editora Senac, 2007
- CHOMSKY, Noam. Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- LOBATO, Lúcia. *O que o professor de ensino básico deve saber sobre linguística?* Palestra proferida em 13 de dezembro de 2003, como parte da mesa-redonda intitulada A Linguística e o Professor de Ensino Básico, realizada na 2ª Reunião Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Fortaleza-CE.
- GUIA DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE PORTUGUÊS DO ENSINO BÁSICO. Conhecimento Explícito da Língua, Lisboa, 2011.
- SALLES, H. M. L. Preposições essenciais do português. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 1992.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 1985
- CUNHA, C. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Editora Lexikon Editorial, 2010
- FARACO & MOURA. *Gramática Escolar*. 1994. Editora Ática